



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANTONIA ZENEIDE DA SILVA COSTA

**TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CAMPO: narrativas das
experiências escolares da multissérie à universidade**

**Santa Luzia do Pará
Setembro 2022**

ANTONIA ZENEIDE DA SILVA COSTA

**TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CAMPO: narrativas das
experiências escolares da multissérie à universidade**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA como requisito final para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora: Prof. Dra. Joana D'arc de Vasconcelos
Neves**

**Santa Luzia do Pará
Setembro 2022**

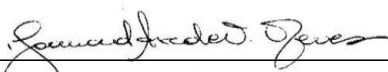
ANTONIA ZENEIDE DA SILVA COSTA

**TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CAMPO: narrativas das experiências
escolares da multissérie à universidade**

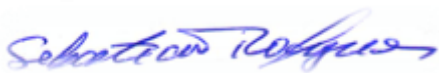
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca
Examinadora para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia no curso de Licenciatura em Pedagogia pela
Universidade Federal do Pará UFPA.

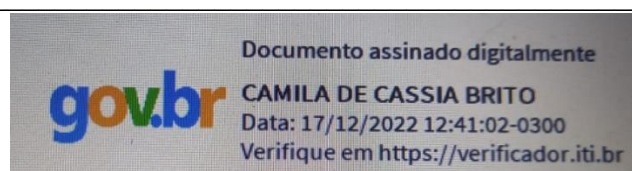
Bragança-PA de 2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Joana Darc de Vasconcelos Neves - UFPA (Orientadora)


Prof. Dr. Sebastião Rodrigues da Silva Junior - UFPA



Prof. Ma. Camila de Cássia Brito - UFPA

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui mesmo com todos os desafios que tive que enfrentar nesse período.

Ao meu esposo Marcos por todo o apoio e por não ter me deixado desistir nos momentos de fraqueza.

A minha orientadora maravilhosa Joana Darc por todo apoio e incentivo.

TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO CAMPO: narrativas das experiências escolares da multissérie à universidade

Antônia Zeneide da Silva Costa*

RESUMO

O presente artigo recorre sobre os desafios e as possibilidades que a educação do campo oferece as mulheres. Para melhor entender o objeto de estudo delineou-se como objetivos específicos: a) descrever o contexto da educação do campo a partir dos olhares das mulheres do campo; b) identificar as lutas das mulheres do campo para o acesso a educação e os processos de superação que potencializam a sua chegada a universidade e c) discorrer sobre a importância da educação na vida dessas mulheres. A fim de obter os resultados propostos nesses objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo por meio de entrevistas narrativas. A partir da análise dos resultados dessa pesquisa foi possível constatar que entre muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres estão o preconceito de gênero imposto pela sociedade, processos de nucleação escolar atrelados às dificuldades financeiras, casamento e os filhos. E como principais possibilidades foram apontados a liberdade e a independência financeira dessas mulheres. Conclui-se portanto que a educação é uma importante ferramenta para a quebra dos ciclos viciosos e excludentes proporcionando uma maior liberdade e independência financeira feminina.

Palavras chave: Mulheres. Educação do campo. Processos de escolarização. Classes multisseriadas. Liberdade feminina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E SEUS DESAFIOS.....	12
2.2 EDUCAÇÃO E A MULHER DO CAMPO.....	14
3 Da multissérie à universidade: caminhos percorridos pelas mulheres do campo.....	16
3.1 Importância da escola no campo para a garantia dos sonhos	20
3.2 Educação: importante ferramenta para a liberdade e emancipação feminina além de proporcionar a quebra dos ciclos viciosos e excelentes.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A Educação do Campo tem conquistado seu lugar na história brasileira, a luta dos povos do campo por uma educação que contemplem as suas especificidades é uma luta diária contra os padrões impostos pela sociedade de uma educação pensada pela elite e para a elite. Nesse enfoque, os sujeitos do campo são vistos como protagonistas de uma nova perspectiva de pensar o campo como lugar de trabalho, moradia, identidade, enfim, como lugar de construção de novas possibilidades de reprodução social e consequentemente de pensar novas formas de organização dos processos educativos escolares.

Nesta perspectiva, o debate sobre a Educação do Campo, tem mobilizado inúmeros esforços no intuito de desenvolver um projeto político pedagógico que consiga garantir os direitos educacionais da população camponesa. Nesse processo as reflexões sobre os modelos e projetos educativos tem se configurado um exercício de pesquisadores a reconhecer a pluralidade do campo: “No, o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. Do, o povo tem direito a uma educação pensada desde seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”, (CALDART 2002, p. 26).

Neste contexto discutir a participação das mulheres do campo nesse processo tem se constituído uma necessidade da luta feminina em reconstruir o papel da mulher na sociedade, romper com os estereótipos de que a mulher deve ser apenas a dona de casa, para poder conquistarem o direito de estudar, sair de casa para ter uma profissão, além do direito de viver e trabalhar na terra.

Ressalta-se que a trajetória das mulheres do campo é marcada pelas disputas que expressam contradições sociais muito fortes que revelam desigualdades sociais entre o

campo e a cidade, ressaltadas pelas questões de gênero visto que as conquistas de direitos das mulheres no Estado democrático de direito, o patriarcado permanece de diferentes formas

[...] as mulheres vão refletindo sobre a cultura patriarcal como sendo uma das “verdades” instituídas na sociedade, que coloca a mulher como incapaz e inferior. Ao compreender essa cultura como construída e não natural, afirmam que a mesma pode ser desconstruída. Então, as militantes passam a questionar os papéis designados a homens e mulheres, [...] isso tudo em contestação ao patriarcado (CINELLI; JAHN, 2011, p. 89).

O patriarcado no campo advém dos processos que concebem as relações de desigualdade entre homens e mulheres de forma socialmente construída. Assim, quando afirmamos que o campo tem características do patriarcado, reconhecemos que as mulheres têm desvantagens refletidas nos inúmeros processos de exclusão, silenciamento e preconceitos seja no seu lar, nas escolas ou ainda nos locais de trabalho.

Assim, quando pensamos nas relações patriarcais e na inferiorização da própria cultura do campo em relação a cidade, a mulher do campo é colocada em lugares secundários, numa cultura de obediência e subordinação em relação aos homens e do próprio sistema que deslegitima sua existência. Desta forma pescadoras, agricultoras, artesãs, extrativistas, indígenas e quilombolas, ainda são vistas por muitos como meramente ajudantes, mesmo se destacando em todas etapas do processo produtivo de alimentos e ou nas atividades relacionadas à geração de renda e ao desenvolvimento econômico e social no campo.

Entretanto, cercadas por muitos fatores que inviabilizam a construção e o fortalecimento de sua autonomia, vale ressaltar que o protagonismo das mulheres ocorre desde os primórdios da humanidade e historicamente lutam e resistem contra esses processos opressores quando afirmam-se como sujeitas de direito a educação para si e para seus filhos.

Desta forma a presente pesquisa se põe a analisar as trajetórias educacionais das mulheres do campo que chegaram a universidade no intuito de compreender os desafios e possibilidades que a educação do campo oferece para essas mulheres. Para tanto, delineou-se como objetivos específicos: a) descrever o contexto da educação do campo a partir dos olhares das mulheres do campo; b) identificar as lutas das mulheres do campo para o acesso a educação e os processos de superação que potencializam a sua chegada a universidade e c) discorrer sobre a importância da educação na vida dessas mulheres.

Partindo desse pressuposto a presente pesquisa é de grande relevância para o mundo acadêmico por enveredar em um debate pouco explorado, mas sua importância social configura-se como um movimento de resistência das mulheres do campo na construção de autonomia e emancipação feminina.

Este artigo demonstra, através das trajetórias escolares femininas, na comunidade da Vila Nova do Piquiá localizada no município de Viseu do Estado do Pará que ocorreram mudanças para uma melhor autonomia das mulheres que chegaram ao nível superior com decorrente resgate da autoestima e melhoria das condições sociais das famílias agricultoras

A Vila Nova do Piquiá, fica localizada a 146 km da cidade de Viseu, possui em torno de dois mil habitantes, destes pouco menos da metade são mulheres. A comunidade vive da extração do açaí, da pesca e da agricultura. A comunidade conta com a escola Geremias Pastana que atende as turmas do ensino fundamental anos iniciais e anos finais.

Para realização dessa pesquisa em campo foi realizado um levantamento in loco para identificar as mulheres que chegaram à universidade. Identificou-se um número considerável de mulheres que não somente conseguiram adentrar na universidade como também conseguiram uma vaga de emprego na escola da comunidade em que estudaram o ensino fundamental porém, para delimitar a pesquisa foi escolhido o período de 2006 a 2010, período esse em que a pesquisadora também estudou nessa escola. Desse período escolhido foi localizado seis mulheres, uma delas está trabalhando na escola atualmente porém não quis participar da entrevista por motivos não especificados, a outra está cursando e também não quis participar, as quatro universitárias que aceitaram participar da entrevista não estão trabalhando ainda na escola da comunidade mas manifestaram interesse em futuramente fazer parte da equipe da escola e mudar a realidade da comunidade. Depois foram realizados encontros nas casas dessas mulheres, foi explicado o motivo da pesquisa e após aceitação a pesquisa foi realizada com quatro universitárias da comunidade da Vila Nova do Piquiá.

Para conhecer as trajetórias das mulheres optou-se pela pesquisa narrativa através das entrevistas para melhor conhecer a história de vida dessas mulheres, suas lutas e suas conquistas.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa visando uma melhor compreensão e descrição do conteúdo abordado. “Minayo diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e

trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”(MINAYO, 1994, 2000 *apud* SUASSUNA, 2008, p. 348).

A pesquisa é de caráter descritivo, visto que o tema abordado já é conhecido e discutido por vários autores, no entanto apresentou uma nova visão e aprofundamento para o assunto através da coleta de dados obtida durante a pesquisa.

Para a obtenção dos resultados propostos nos objetivos foi realizado uma pesquisa bibliográfica a luz de autores como (SOUZA 2017); (RUA, ABRAMOVAY 2000); (ARAÚJO 2014); (HAGE 2014) entre outros, para entender o contexto da educação do campo no Brasil, os conceitos sobre classes multisseriadas, as principais dificuldades enfrentadas pelos sujeitos do campo, a luta das mulheres para ter acesso a educação e sua trajetória à universidade.

Posteriormente foi feito um levantamento em campo para constatar o número de mulheres da comunidade que chegaram à universidade, a fim de conhecer suas trajetórias.

Foi realizado um estudo de caso com quatro mulheres no qual por meio de entrevistas narrativas foi possível conhecer as suas trajetórias escolares.

No estudo de caso, segundo Godoy

O pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso. (GODOY, 1995, p. 26)

Dessa forma, através das entrevistas narrativas foi possível conhecer as trajetórias dessas mulheres, suas lutas e suas conquistas.

Para a pesquisa em campo, primeiramente foi feito um levantamento na escola Geremias Pastana na comunidade da Vila Nova interior do município de Viseu-PA para saber se ali existiam mulheres que tinham estudado em classes multisseriadas no período de 2006 a 2010 que tivessem conseguido chegar à universidade. Nesse período escolhido a escola funcionava em quatro períodos: manhã, intermediário, tarde e noite. A escolha da escola se deu porque a pesquisadora estudou em classes multisseriadas nessa escola quando criança e esse período foi escolhido porque foram os anos em que a pesquisadora estudou nessa escola em salas multisseriadas.

Após o levantamento foram encontradas seis mulheres que se encaixavam nos critérios dessa pesquisa, porém somente quatro mulheres aceitaram participar, as outras duas não quiseram dar detalhes do porque não aceitaram apenas disseram que não gostariam de participar e suas escolhas foram respeitadas.

Os sujeitos da pesquisa são quatro mulheres com idades entre vinte e quatro a vinte e sete anos que estudaram todo o ensino fundamental anos iniciais em classes multisseriadas na escola municipal de ensino fundamental Geremias Pastana, localizada na Vila Nova, interior do município de Viseu-PA. Mulheres essas que posteriormente conseguiram chegar à universidade. Para preservar a identidade dessas mulheres usarei nessa pesquisa nomes fictícios. Elas serão apresentadas pelos nomes: Alice, Cecília, Roseli e Simone.

Para a coleta de dados foi utilizado a entrevista narrativa. De acordo com alguns autores

A narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa, porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.48 apud SANTOS; BORTOLIN; ALCARÁ 2019 p. 49)

Dessa forma, para melhor compreender as experiências dessas mulheres e alcançar os objetivos da pesquisa foi elaborado uma Questão Gerativa de Narrativa da seguinte maneira: “Quero que você me conte sobre a sua experiência escolar da classe multisseriada à universidade. A melhor maneira de fazer isso seria começar pelo seu primeiro ano na escola, as séries que estudou em classes multisseriadas, se precisou se mudar para chegar ao ensino fundamental, médio ou universidade como conseguiu ingressar na universidade. Quais as principais dificuldades enfrentadas e as possibilidades que a educação apresenta à mulher do campo. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo o que for importante para você me interessa”.

Foram realizados dois encontros individuais com cada participante da entrevista, no primeiro encontro foi esclarecido o tema e o objetivo da pesquisa, explicado como seria feito a entrevista e se a pessoa aceitaria participar. Ao aceitar participar foi entregue de forma impressa a Questão Gerativa de Narrativa para cada participante e uma folha em branco no qual ela poderia destacar pontos importantes a serem narrados no dia da gravação a fim de que nesse exercício de destacar os pontos o narrador consiga lembrar

sua trajetória e dar maiores detalhes no dia da gravação. No segundo encontro foram realizadas as gravações. Os encontros foram realizados com diferença de uma semana entre o primeiro e o segundo para que nesse período o narrador conseguisse relembrar sua trajetória para poder compartilhá-la.

Após a coleta de dados da pesquisa de campo as entrevistas narrativas foram transcritas de forma integral a fim de não perder nenhum ponto importante da narrativa.

Para a análise das entrevistas foi utilizado o método de Schutze que consiste em: após a transcrição das entrevistas separar o material indexado que seriam as trajetórias dos não indexados que seriam as entrelinhas das trajetórias. Posteriormente utilizando o conteúdo indexado, ordenam-se os acontecimentos para cada indivíduo o que é denominado trajetórias. O próximo passo consiste em investigar as dimensões não indexadas do texto. Logo depois agrupam-se e comparam-se as trajetórias individuais. O último passo é comparar e estabelecer semelhanças existentes entre os casos individuais a fim de permitir a identificação de trajetórias coletivas (MUYLAERT et al 2014).

O presente trabalho está organizado em: introdução no qual é apresentado o tema, objetivos e metodologias aplicadas; referencial teórico que está subdividido por dois subtópicos o primeiro descreve o histórico da educação do campo no Brasil e relata os seus principais desafios e possibilidades e o último apresenta as lutas das mulheres do campo no quesito educação; posteriormente apresento os resultados dessa pesquisa organizados em subtópicos no qual o primeiro fala sobre os caminhos percorridos pelas mulheres do campo da multissérie à universidade, o segundo sobre a importância da educação para garantia dos sonhos dessas mulheres e o último sobre liberdade e emancipação feminina. Por fim aponto algumas considerações acerca do tema abordado e dos resultados obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E SEUS DESAFIOS

A educação do campo no Brasil sempre ficou em segundo plano, sendo inferiorizada e estereotipada pela população urbana desde os primórdios, e até os dias

atuais ainda sofre pela falta de políticas públicas que atendam as especificidades dos sujeitos do campo. A respeito disso Silva diz que

A Educação do Campo tem sua origem na luta de classes travada pelos movimentos sociais do campo, especificamente o MST. Sendo assim, ela é fruto de uma realidade desencadeada a partir da luta social e da organização coletiva que são princípios formadores da Pedagogia do Movimento. Tendo sido gestada no seio do movimento social, a Educação do Campo, segundo Caldart (2008), não é uma proposta de educação para o campo brasileiro; ela consiste em uma crítica à educação que vem sendo desenvolvida no meio rural brasileiro e luta por uma concepção de educação e de campo. (SILVA, 2009 p. 60)

Ter uma escola no campo é uma grande conquista, no entanto a falta de políticas públicas que atendam as necessidades dessa população faz com que a educação no campo não seja para pessoas do campo e sim apenas uma versão urbanizada que não atende às especificidades daqueles sujeitos. Apesar das lutas diárias pela garantia dos seus direitos, muitos deles ainda são negados.

Quando se trata de políticas públicas para a educação, o campo foi desprivilegiado, isso torna-se mais evidente quando observamos a qualidade da educação ofertada ao campo, a falta de infraestrutura, de equipamentos e principalmente de um currículo que dialogue com a realidade dos sujeitos do campo. Historicamente a realidade brasileira é marcada por projetos educacionais, pensados pelas elites e para sujeitos urbanos, denominada como educação rural, distanciaram os povos do campo de uma educação que contemplasse as suas especificidades e que valorizasse a sua cultura e o seu modo de vida (SOUZA 2017). Esse currículo planejado na e pela cidade causa na maioria das vezes um afastamento dos alunos por não condizer com sua realidade acarretando em desinteresse pelas aulas, baixo rendimento escolar e até evasões.

No contexto da educação do campo surgem as classes multisseriadas no qual um professor atende a duas ou mais séries no mesmo espaço-tempo. A sala multisseriada foi silenciada durante muito tempo e sendo visto pela maioria como um sinônimo de atraso e falta de qualidade tendo em mente aquela escolinha no meio do nada onde uma professora leiga ministra aula para uma turma com alunos de níveis e idades diferentes (RODRIGUES, 2009).

No entanto, apesar de não ser muito difundida e até desconhecida por muitas pessoas, as classes multisseriadas fazem parte de muitos municípios do Brasil e na região amazônica algumas dificuldades a mais são enfrentadas pelos alunos e professores por conta da rica sócio diversidade existente. Na visão de muitos esse sistema de educação

deveria ser exterminado por ser reconhecido por um ensino de segunda categoria e sem alternativa de melhoras. Na visão de alguns autores a negligência do poder público é o que causa a precariedade na educação do campo como explicam Carmo e Prazeres

A precarização do ensino nas escolas multisseriadas é promovida pela negligência do próprio poder público, uma vez que é o principal agente de implementação das políticas educacionais. Para o Estado, as escolas multisseriadas são problema, ao invés de ser a solução da oferta do ensino às populações do campo. (CARMO, PRAZERES 2015 P. 539)

Por ser um dos maiores meios de oferta da educação do campo a multissérie necessita de um olhar para as suas necessidades, para que os sujeitos envolvidos consigam ver na escola uma oportunidade de continuar na sua comunidade, é possível oferecer ao campo uma educação de qualidade por meio da multissérie desde que o currículo seja repensado, que os professores trabalhem com projetos que visem um desenvolvimento coletivo na sala, partindo dos conhecimentos que a turma já possui para o que eles podem adquirir. (HAGE 2014)

2.2 EDUCAÇÃO E A MULHER DO CAMPO

Os sujeitos do campo em geral enfrentam muitas dificuldades para ter acesso a escola e principalmente a uma educação de qualidade e quando falamos da mulher as dificuldades são ainda maiores. "A partir desta afirmação, encontramos duas correntes de opressão: a de mulher na sociedade patriarcal e a de camponesa, ambas relacionadas ao avanço do capitalismo e a predominância de uma classe social seja por gênero ou identidade" (VALADÃO 2014, p. 04) classe essa que menospreza a mulher insistindo em deixá-la em segundo plano sendo dependente de seus pais ou esposos com direito apenas a cuidar do lar, do esposo e dos filhos como explicam os autores a seguir

A inclusão de mulheres na educação tem sido um grande desafio ocasionado pelas desigualdades estruturais de gênero fortemente enraizadas na nossa sociedade, onde há lugares “bem definidos”, para mulheres, influenciando no como agir, o que deveriam fazer ou onde deveriam estar. (ROSEMBERG, 2001 *apud* FRANÇA; EUCLIDES 2020, p. 184)

No campo esse preconceito é ainda maior que na cidade. Existem inúmeros casos nas áreas no meio rural em que as mulheres só frequentam as aulas se acompanhadas pelos filhos por não ter uma creche para deixá-los e por na maioria das vezes o esposo não poder ou não querer ficar com os filhos em casa (SILVA 2009).

Parece absurdo isso ainda ser realidade nos dias atuais, porém, o machismo é tão presente que se a mulher insiste em querer estudar ela precisa dar conta de tudo ao mesmo tempo porque a maioria dos homens não estão dispostos a ajudar com os filhos ou com as tarefas de casa para a mulher poder se ausentar por algum período para estudar.

As mulheres do campo lutam e resistem contra esses percursos, o maior reflexo disso é o MMC Movimento de Mulheres Camponesas suas principais lutas se desenvolvem a partir de quatro dimensões, de acordo com o Movimento de Mulheres Camponesas que são eles: projeto popular de agricultura camponesa; ampliação dos direitos humanos; projeto popular para o Brasil e participação política da mulher na sociedade. Esse movimento luta contra os poderes do patriarcado, do capitalismo, do Estado, dos latifundiários, familiares, até contra alguns movimentos do campo, que, muitas vezes, deslegitimam a organização feminina (FALEIRO, FARIAS 2017)

É preciso pensar em emancipação feminina através da educação e o "tripé da educação para a emancipação consiste na educação como formação humana, na educação para a transformação social e para a práxis." (SILVA 2009 P. 73) Nessa perspectiva, quando a mulher tem acesso à educação e passa a reconhecer seus direitos e lutar pela garantia deles, ela começa a mudar a realidade em sua volta e a consequência disso é uma transformação social através da prática da mulher na sociedade em que está inserida. E para que isso se torne uma realidade constante faz-se necessário vencer o preconceito que aflige a humanidade desde o princípio, e somente com muita luta que hoje é possível ver mulheres do campo que estudaram em classes multisseriadas com todos os preconceitos que o campo proporciona conseguirem adentrar em uma universidade.

A trajetória dessas mulheres da educação do campo à universidade é repleta de dificuldades e superações como enfatizam as autoras

É possível ouvirmos ou experienciamos de muitas mulheres, situações onde é/foi preciso pedir a “permissão” ora do pai, ora do companheiro, para continuar os estudos, ingressar em uma faculdade. O fato de “sair de casa”, causaria certa insegurança ou mesmo repulsa, pois, muitos homens acreditam que mulheres nesses lugares fora do espaço da casa, desestruturariam o lar, ou mesmo, ocasionado pelo ciúme e o sentimento de “posse” em

relação à companheira, o medo de “perdê-la”.(FRANÇA, EUCLIDES 2020 P. 185)

Quando as mulheres conseguem adentrar a uma universidade as dificuldades permanecem seja pela distância dos filhos, dupla jornada de trabalho, longo período de alojamento com presença de homens, desconfiança do marido, conciliar as tarefas da casa com os estudos, à discriminação da sociedade, as cólicas menstruais entre outras coisas são dificuldades enfrentadas pelas mulheres para estudar (SILVA 2009)

Na trajetória dessas mulheres estão presentes também as mudanças porque no campo não tem universidade na maioria das vezes só é ofertado o ensino fundamental anos iniciais, portanto para chegar a concluir o ensino fundamental já é necessário mudar de escola e encarar o transporte ou mudar de comunidade para uma maior ou para a cidade para concluir o ensino fundamental e médio e ao adentrarem na universidade enfrentam muitos desafios visto que a precariedade da educação ofertada no campo deixa muito a desejar nos que deveriam ter sido ofertados e que serão cobrados na universidade.

São inúmeras as dificuldades que as mulheres do campo enfrentam para conseguir formação acadêmica, no entanto, o simples fato de existir uma possibilidade para que isso aconteça faz com que muitas mulheres lutam dia após dia contra todas as barreiras impostas pela sociedade para que não desistindo alcancem os seus objetivos de ter uma liberdade e independência financeira através da educação. Para Silva

A inclusão de uma pasta da Educação do Campo na estrutura do MEC é resultado da luta dos movimentos sociais, porém, não deve estar restrita somente aos seus participantes; deve levar em consideração os milhares de trabalhadores/as rurais assalariados/as do campo, meeiros/as, parceiros/as, pequenos/as agricultores/as, sitiantes que sobrevivem da terra em situação de exclusão e que têm seus filhos estudando nas escolas públicas. (SILVA 2009, p. 62-63)

Portanto todos os sujeitos do campo tem direito à uma educação humanitária que valorize a sua cultura e o seu modo de ser, independente de fazer parte ou não dos movimentos sociais organizados visto que, a luta por direitos e melhorias de vida é também uma luta diária e individual.

4 Da multissérie à universidade: caminhos percorridos pelas mulheres do campo.

A trajetória das mulheres do campo da multissérie à universidade é longa e cheia de desafios. A partir dos dados coletados nessa pesquisa por meio da pesquisa bibliográfica e do levantamento em campo foi possível constatar que há inúmeros desafios que precisam ser enfrentados dia após dia para a realização do sonho de ingressar em uma universidade e principalmente de permanecer nela. Dentre eles são citados pelas entrevistadas:

Mulheres	Desafios enfrentados
Alice	Multissérie e conteudismo
	Ensino descontextualizado
	Aceitação do pai para estudar a noite aos 12 anos
	Falta de infraestrutura (oferta de turma no período da noite ou transporte escolar) Quebra dos ciclos viciosos
Cecilia	Transporte escolar
Simone	Transporte escolar
	Distância de casa
	Falta de recurso
Roseli	Casamento
	Reprovação no Enem
	Gravidez

a. *Multissérie, conteudismo e ensino descontextualizado*

Nas classes multisseriadas os professores que não foram capacitados enfrentam diversas dificuldades com relação ao planejamento escolar por ter que trabalhar em salas que reúnem alunos de inúmeras idades e séries, portanto na maioria das vezes acabam recorrendo ao planejamento seriado da cidade sem atentar às peculiaridades e heterogeneidade da turma multisseriada (HAGE, 2014). Esse planejamento que foi pensando na e pela cidade não abarca as peculiaridades do campo o que acarreta em um ensino conteudista e descontextualizado como enfatiza Alice:

Estudar na multissérie foi um grande desafio oh... as salas cheias de alunos totalmente diferentes em todos os aspectos[...] era muito difícil conseguir aprender os conteúdos porque o professor não direcionava tal assunto por exemplo esse aqui é pra segunda série e esse pra terceira, não, era tudo junto e a gente que se virasse. A maioria deles não estavam nem aí pra gente. Era um monte de conteúdo que se a gente não decorasse pra prova a gente reprovava e pronto, não era contextualizado com a nossa realidade então às vezes a gente nem fazia questão de decorar mesmo (ALICE 2022)

É notório na fala da entrevistada que a falta de professores capacitados para atuar nas classes multisseriadas do campo causa um enorme prejuízo aos estudantes com relação ao ensino aprendizagem. Esses profissionais vindos da cidade não respeitam a cultura local e impõe a sua cultura como sendo a única válida depositando sobre os estudantes do campo o que julgam ser conhecimentos universais (AMARAL 2014). Esses conhecimentos universais descontextualizados da realidade do campo causam na maioria das vezes um afastamento, baixo rendimento e até uma evasão escolar. Portanto faz-se necessário uma formação continuada para os professores a fim de que entendam que a heterogeneidade das turmas não é um fator que dificulta o planejamento, pelo contrário pode ser um fator potencializador para o ensino aprendizagem (HAGE 2014)

b. Nucleação, transporte escolar e falta de recurso

Mediante os problemas da multissérie a nucleação escolar surge como uma possível solução no qual junta-se alunos de diversas comunidades pequenas em uma única escola de uma comunidade maior através do transporte escolar. Porém na maioria das vezes esse deslocamento não atende às medidas de segurança necessárias, os ônibus apresentam má conservação, as estradas ficam em péssimas condições além do que esses alunos ficam imersos em uma cultura diferente da que estão acostumados. (ABREU 2021) A seguir podemos notar na fala das entrevistadas alguns problemas com relação a essa nucleação, problemas esses que se agravam com o fator financeiro baixo como a falta de um lanche durante o longo percurso entre a casa e a escola principalmente quando a estrada está em péssimas condições ou o ônibus apresenta algum problema.

[...] Está na sala multisseriada não era bom, mas como tudo que tá ruim ainda pode piorar a gente terminou a oitava série na vila e o ensino médio só tinha no Japim né a 20 km daqui... Oh Deus, não gosto nem de lembrar!... A gente sofreu tanto na época, a gente saía daqui umas 17:30 e retornava por volta de 22:30, pobre sabe como é né nem sempre meus pais tinha um dinheiro pro lanche e eu não trabalhava dependia total deles, às vezes eu saía de casa sem comer nada[...] com muita dificuldade mais terminei o ensino médio lá e cheguei na universidade por meio do Enem. (CECÍLIA 2022)

[...] Pior que a multissérie foi sem dúvidas o ensino médio no Japim porque aqui a gente estava perto de casa, não dependia de transporte, porque o ônibus

era horrível, a estrada também muito ruim ele vivia no prego e a gente não tinha outro meio de transporte né pra ir... a gente perdeu muito com isso. Sem contar que faltava o dinheiro pra lanche essas coisas porque às vezes a gente demorava muito pra chegar em casa e a fome apertava. Foi muito difícil mas eu cheguei lá né isso que importa hoje estou quase concluindo a universidade, muitos perrengues mais muitos sonhos também. (SIMONE 2022)

A falta de escolas que atendem ao ensino médio nas comunidades causam grandes transtornos visto que para conseguir concluir os estudos os alunos precisam encarar diversos fatores, “as distâncias e dificuldades de transporte e as condições econômicas das famílias são sempre motivo de impedimento para que os jovens, mesmo em idade escolar continue os seus estudos” (RUA, ABRAMOVAY 2000 p. 88). Esses foram alguns dos desafios que essas mulheres enfrentaram e que a maioria dos jovens do campo enfrentam para conseguir concluir o ensino médio e ter uma chance de adentrar na universidade.

C) Falta de infraestrutura, período noturno, questões de gênero na aceitação dos pais.

Afim de não enfrentar os problemas com o transporte escolar alguns pais exigindo que os filhos permanecessem na escola da comunidade foi criado pela escola uma turma para atender as turmas de 5º e 6º série no período da noite, único horário disponível visto que a escola só possuía duas salas e os períodos de manhã, intermediário e tarde já estavam ocupados. A falta de infraestrutura das escolas do campo é um grande problema visto que se a escola tivesse mais salas na época, os alunos não precisam se submeter ao período noturno ou transporte escolar tão cedo. A educação é um direito de todos previsto por Lei, no entanto notamos que a educação do campo está longe de ser a ideal para os seus moradores. Os alunos enfrentam diversos problemas diariamente que seriam solucionados por políticas públicas que atendessem às suas necessidades. Esse período noturno foi um grande desafio tanto para os alunos como para alguns pais que não queriam aceitar suas crianças estudando a noite como relata Alice

Pior de tudo foi quando estudei a noite... tinha 12 anos na época... uma menina indefesa como dizia meu pai, foi difícil pra ele aceitar isso mais minha mãe o convenceu porque era a única opção de continuar estudando e o meu sonho e o dela era de um dia eu ter um nível superior. Passei muitos perrengues por ser mulher e por ser do campo[...] o resultado de tudo isso aí foi que quando eu passei no Enem com muito esforço e cheguei na universidade o meu nível de conhecimento era baixíssimo comparado ao dos outros alunos de escolas seriadadas públicas ou particulares. (ALICE 2022)

É notório na fala da entrevistada as questões de gênero, quando o pai a considera uma menina indefesa. A sociedade está acostumada a julgar a mulher desde o seu nascimento como um ser frágil que precisa de alguém para protegê-la, mesmo com a evolução da sociedade ser mulher ainda significa estar sob domínio de alguém, esses preconceitos de gênero são intensificados pela sociedade patriarcal (SILVA 2018). Outro ponto destacado pela entrevistada é a intervenção da mãe para que a filha continue os estudos. Quanto a isso as autoras a seguir destacam que a mãe na tentativa de obter melhores oportunidades para as suas filhas apresentam um grande apoio aos estudos a fim de que as filhas sejam independentes e não herdem o que elas enfrentam que é apenas ser dona de casa um trabalho excessivo, repetitivo e muito dependente. (RUA, ABRAMOVAY 2000).

d) Casamento, filhos, trabalho e estudos

Apesar de algumas mudanças nos papéis de gênero com a crescente participação da mulher no trabalho e no estudo, as tarefas domésticas continuam sendo predominantemente responsabilidades da mulher que deve conciliar com as suas atividades públicas. No entanto, apesar de realizarem essa dupla jornada, a maioria das mulheres não reclamam da ausência do marido nas tarefas domésticas (BARROS, ARAÚJO 2016). Isso é notório na fala de Roseli

[...] Faltando seis meses pra concluir meu ensino médio eu casei, até aí tudo bem, meu esposo me apoiava super nos estudos e eu continuava sonhando com a universidade né, só que aí devido ao baixo grau de conhecimentos eu não passei no Enem ao final do ano, mas não desanimei e pretendia fazer novamente no ano seguinte só que aí eu engravidei... tive que me ausentar dos estudos... Anos depois eu fiz o Enem novamente e dessa vez eu passei para pedagogia em Capanema. Me matriculei mas infelizmente a permanência era impossível, moro no interior e com casa, filho e esposo pra cuidar era impossível me afastar por muito tempo. Depois de um tempo comecei a trabalhar e optei por uma particular a distância estou no terceiro semestre até então conciliando tudo, e vai dar certo (risos).(ROSELI 2022)

A partir dessa narrativa constatamos o que muitos autores falam sobre como as mulheres ficam sobrecarregadas quando decidem estudar, na fala a entrevistada menciona o apoio do esposo nos estudos porém logo depois afirma que precisa trabalhar, cuidar da casa, filho e esposo e conciliar tudo para estudar. Quanto a isso, Silva enfatiza em sua pesquisa que conciliar trabalho e estudo é uma dificuldade para as mulheres, já que elas

acumulam, além do trabalho, as tarefas da casa. Elas alegam que quase não sobra tempo para estudar. (SILVA, 2009, p. 96). Ser mulher e querer estudar na sociedade patriarcal é um grande desafio, “apesar dos progressos significativos na sociedade, são poucos os homens que assumem a responsabilidade com a divisão da vida familiar, das tarefas da casa e dos filhos, pois a visão tradicional e patriarcal da família ainda persiste” (PEREIRA et al 2019 p. 06) essa realidade demonstrada pela entrevistada é a de inúmeras mulheres na sociedade atual.

4.1 Importância da educação do campo para a garantia dos sonhos

A luta por uma educação do campo de qualidade é a forma que as pessoas do campo encontraram para mudar a sua realidade, através da educação muitas gerações tiveram mudanças significativas seja no setor financeiro seja na liberdade de ser mulher e fazer parte da sociedade pública. A seguir apresento algumas possibilidades que a educação do campo oferece na fala das entrevistadas e dos autores pesquisados.

Ter uma escola na comunidade é uma grande conquista visto que a educação é capaz de transformar vidas como enfatizam os autores a seguir

Lutar por educação significa buscar a efetivação de outros direitos essenciais à vida, seja na cidade ou no campo. A educação escolar é um meio e fundamento constitutivo da formação das pessoas, podendo auxiliar no acesso a outros direitos (saúde, alimentação saudável, infraestrutura e etc.), (FERREIRA et.al 2017 p. 06)

Desta forma, tendo uma escola no campo mesmo que não atenda a todas as séries e não tenha uma boa estrutura traz uma esperança nos moradores de o início de uma grande trajetória como afirmam as entrevistadas a seguir

A realidade das escolas do interior é complicada mesmo, a infraestrutura é péssima, os professores na maioria não são qualificados mais o simples fato de existir uma escola ali já é uma grande conquista, é uma oportunidade pra gente né, depois a gente tem que mudar de escola mais aí já somos maiores, já damos conta de ir o importante é que aqui tem a base né.(ALICE 2022)

Eu vejo como uma possibilidade poder estudar em uma escola na comunidade, seria maravilhoso se tivesse até o ensino médio, nossa com certeza seria, mas ter o fundamental já é muita coisa, apesar de não ser uma educação cem por

cento né mais já ajuda muito. Foi aqui que começou o meu sonho então se não tivesse essa escola ou se eu não tivesse a oportunidades de ter estudado hoje eu não estaria onde estou e sonhando com muito mais né. (SIMONE 2022)

As entrevistadas deixam claro que ter uma escola no campo para garantir ao menos o início da trajetória escolar já é uma grande conquista, enfatizam também que a educação do campo surge como uma forma de adquirir melhores oportunidades de vida. Para a família os estudos são de grande relevância para o crescimento pessoal dos filhos e os pais valorizam porque alguns não tiveram essa oportunidade e se queixam muito, por isso apoiam os filhos para que através dos estudos consigam melhores oportunidades (RUA, ABRAMOVAY 2000).

Apesar de vibrar pela conquista de ter uma escola no campo as mulheres almejam desejo de mudança na educação da comunidade como afirmam a seguir

Com certeza ter uma escola no campo já é uma possibilidade né, foi com muita luta que hoje podemos ver escolas na maioria dos interiores então eu valorizo muito isso[...] eu sonho em ter melhores oportunidades de vida e poder proporcionar uma melhor qualidade na educação para a minha comunidade também porque eu não quero que meus futuros filhos passem pelo descaso dos professores que eu passei e eu sei que a educação pode me proporcionar isso, quero futuramente ser uma professora nessa escola e dar o meu exemplo e meu melhor para os estudantes. (CECÍLIA 2022)

Apesar de tudo eu nunca desisti e um dos maiores incentivos são meus filhos, eu quero proporcionar uma educação melhor pra eles e pra isso né eu tenho que primeiro proporcionar a mim. (ROSELI 2022)

Nas falas das entrevistadas é muito recorrente a crítica aos profissionais da educação visto que para além de uma estrutura física está o modo como o professor vai repassar os conteúdos pois de nada adianta uma ótima infraestrutura se nas aulas reina o quadro e o livro didático da forma mais tradicional possível assim como é possível fazer uma aula dinâmica embaixo de uma árvore por exemplo, tudo vai depender do professor. As entrevistadas almejam o desejo de mudanças na escola da comunidade e acreditam que através de práticas pedagógicas diferenciadas é possível transformar a educação do campo. Nessa perspectiva o sonho de melhores oportunidades para si e para as suas futuras gerações é o que move essas mulheres a uma incessante busca por formação, apesar das dificuldades não desistem pois veem na educação uma possibilidade de um futuro melhor para si e para o próximo (SILVA 2009). Durante as pesquisas, a maioria dos autores enfatizam o que vimos nas falas das entrevistadas que através de projetos é

possível transformar a realidade da sala multisseriada, pois o professor vai partir dos conhecimentos que os alunos já possuem para os conhecimentos que deverão adquirir.

4.3 Educação: importante ferramenta para a liberdade e emancipação feminina além de proporcionar a quebra dos ciclos viciosos e excelentes

A partir das pesquisas bibliográficas e das narrativas das mulheres pesquisadas é possível afirmar que a educação transforma vidas e quando falamos da mulher essa transformação tem um peso social visto que, ao obter conhecimentos sobre o seu lugar no mundo a mulher se empodera e para Cruz quando há esse empoderamento

As relações desiguais de poder se transformam a favor das mulheres, através da obtenção de poder interno para expressar e defender seus direitos, obter mais confiança nelas mesmas, fortalecer a identidade pessoal, a auto-estima, o controle sobre suas próprias vidas, sobre as relações pessoais e sociais (CRUZ, 2008,p.54 apud SILVA 2009, p. 51)

Nessa perspectiva o empoderamento tem uma aproximação com a emancipação como afirma Silva

Há algumas aproximações entre o empoderamento e a emancipação, sendo que a primeira é a tomada de consciência de uma condição de subalternidade em relação a uma pessoa ou condição social, e a segunda diz respeito à associação entre o processo de empoderamento e emancipação e a transformação social. Estes são processos individuais e consistem numa conquista diária de homens e mulheres que buscam transformar as relações sociais estabelecidas. (SILVA, 2009 p. 52)

Dessa forma, para que aconteça a liberdade e a emancipação feminina faz-se necessário uma luta diária contra os padrões impostos pela sociedade patriarcal. Na fala das entrevistadas é muito recorrente o fato da mãe ser dependente do esposo e não querer isso para a filha e isso se dá porque a maioria não teve acesso a educação seja pelo fato dos pais terem negado por conta da necessidade em trabalhar na roça desde cedo seja pelo fato de ter casado cedo e o esposo não deixar mais elas estudarem ou por conta do cuidado que deveriam ter com os filhos que em muitos casos eram muitos e não dava para deixá-los sozinhos (RUA, ABRAMOVAY 2000). O acesso a educação muda a forma de pensar e de viver como enfatizam as entrevistadas a seguir

Ter acesso a educação mudou muito a minha visão de mundo porque quando eu era criança eu achava que a mulher só tinha que casar, ter filhos e cuidar

do lar mesmo porque era isso que as mulheres da minha família faziam, então pra mim aquilo era natural mais hoje eu vejo que pra minha mãe não era porque ela sempre dizia estuda que tu vai ter muitas oportunidades que eu não tive e isso é muito real. (CECÍLIA 2022)

Hoje eu entendo porque a minha mãe insistia tanto para eu estudar, a educação abre um leque de possibilidades na vida da gente, hoje eu sei que a mulher pode tudo o que ela quiser e o lugar dela não é só no lar cuidando de esposo e filhos. (ALICE 2022)

Eu casei, tive filhos mas nunca me contentei em ficar só nisso, sempre sonhei em ingressar numa universidade porque eu via nisso a forma de adquirir maiores conhecimento e principalmente um trabalho que me proporcionasse uma independência financeira. (ROSELI 2022)

Eu sempre quis ingressar na universidade porque eu via a situação de muitas mulheres da minha família que não tinham estudos e dependiam dos esposos pra tudo e não faziam nada que fosse contrário a eles e eu via as minhas professoras que trabalhavam na escola que eram diferentes, eram independentes e isso foi o que eu sempre busquei, me inspirava nelas. (SIMONE 2022)

As falas acima apontam as mudanças na vida dessas mulheres por meio da educação que oportunizou não apenas a ampliação da visão de mundo mas também uma chance de alcançar uma melhor condição financeira e serem independentes. As entrevistadas confirmam o que muitos autores falam sobre como a independência financeira pode mudar a vida das mulheres. O ser independente faz com que muitas mulheres não se submetam a certas situações por não terem obrigações de fazer o que os esposos mandam da forma como mandam para evitar conflitos (RUA, ABRAMOVAY 2000). A educação mais uma vez é essencial pois tendo conhecimento dos seus direitos as mulheres jamais serão as mesmas. Somente tendo o conhecimento do seu lugar no mundo e lutando pela garantia dele é que a mulher pode alcançar a liberdade e emancipação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas bibliográficas e em campo constatou-se que as classes multisseriadas se fazem presente em muitas comunidades do campo no entanto são menosprezadas no que diz respeito às políticas públicas para a educação portanto dispõem na maioria das vezes de infraestruturas precárias e profissionais desqualificados fazendo com que a educação do campo nunca chegue ao nível da educação da cidade e trazendo

inúmeros prejuízos para a população do campo que busca por meio da educação uma melhor qualidade de vida.

No que tange às lutas das mulheres do campo para ter acesso a educação e principalmente a uma educação de qualidade é notável que essa luta é antiga, é diária, trouxe inúmeros resultados no entanto ainda tá longe de ser consolidado todos os direitos femininos visto que a sociedade patriarcal e o capitalismo fortalecem os preconceitos de gênero deixando as mulheres em segundo plano e insistindo que elas ocupem apenas o privado deixando o público apenas para os homens.

Com a pesquisa em campo evidenciou-se o que muitos autores falam sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam da multissérie à universidade sendo citadas as salas heterogêneas e período noturno, a desqualificação do professor, as mudanças de escola atrelado a dificuldades financeiras e o casamento com filhos dificuldades essas que na maioria das vezes são enfrentadas com maior peso para as mulheres do que para os homens.

Sobre as possibilidades que a educação do campo oferece, notou-se que é de grande relevância ter uma escola no campo por ser ali uma base para a vida escolar, por mais precária que seja traz para a população uma esperança, um começo de uma grande trajetória. É importante frisar que faz-se necessário um investimento do governo na educação do campo porque ela é de suma importância para a população visto que quando precisam mudar de escola e encarar o transporte muitos estudantes desistem, nessa perspectiva entende-se que se houvesse uma educação de qualidade no campo as pessoas teriam um maior avanço educacional.

Dentre muitos benefícios que a educação oferece destacou-se nesse trabalho a liberdade e emancipação feminina, constatou-se por meio das pesquisas que há uma enorme diferença entre a geração feminina que não teve acesso a escola para a geração que teve. A maioria das mães das entrevistadas eram dependentes dos esposos e ficavam restritas apenas ao espaço privado, já as filhas que conseguiram concluir o ensino médio e adentrar na universidade tinham outra visão de mundo e muitas perspectivas para o futuro que não condizem com o que é imposto pela sociedade patriarcal. Nesse contexto é de suma importância oferecer e dar suporte às mulheres do campo para que tenham o acesso e garantia de permanência a educação para que tendo conhecimento dos seus direitos e deveres consigam reivindicar e garantir uma vida mais digna.

Foi muito gratificante encontrar alguns autores que discutiam sobre a mulher do campo no contexto educacional e ver na pesquisa em campo que a realidade das mulheres

vem mudando com o tempo através da educação. Espera-se que essa pesquisa traga novas colaborações para a área e ademais que sirva como incentivo para diversas crianças, jovens e adultas que estão hoje encarando a educação do campo que é possível chegar ao objetivo de adentrar em uma universidade e ter possibilidade de uma vida mais digna o que para muitas mulheres ainda parece um sonho impossível de ser realizado.

REFERÊNCIAS

ABREU. Airan Celina Sepúlveda dos Santos Rocha de. **Educação do campo em classes multisseriadas: uma prática docente multifacetada**. Piauí 2021

AMARAL, Débora Monteiro do. **Mulheres da Reforma Agrária na educação: os significados em ser pedagoga da terra**. Tese (doutorado) São Carlos 2014

CALDART, R. **Por Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção**. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R., CALDART, R. (Org). Educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional por Uma Educação do Campo 2002. p.25-36 (Coleção por uma educação do Campo, 4).

BARROS. Jessika Matos Paes de; ARAÚJO. Regina Magna Bonifácio de. **O PROEJA: desafios na conciliação entre Família, trabalho e estudo**. Rio de janeiro 2016

CARMO, Eraldo Sousa; PRAZERES, Maria Sueli Corrêa. Políticas educacionais para a Amazônia: teorias, práticas e contradições. **RBPAE** – v. 31, n. 3, p. 531 – 543 set./dez. 2015 p. 539

CINELLI. Catiane; JAHN. Elisiane de Fátima. **A constituição de identidades camponesa e feminista no Movimento de Mulheres Camponesas**. Artigo. Rio Grande do Sul 2011

FALEIRO, Wender; FARIAS, Magno Nunes. **Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017

FERREIRA. Lucas Casimiro Soares; FERREIRA. Matheus Casimiro Soares; JUNIOR. Meubles Borges; NECO. Vanessa Cristina Silva. **A negação e a importância da educação do campo na busca por políticas públicas**. Maranhão 2017. p. 06

FRANÇA, Carmem Lúcia Bezerra de; EUCLIDES Maria Simone. Vidas Marias, mulheres camponesas no curso superior de licenciatura em educação do campo: enfrentamos e re(existências) **Cadernos Cajuína**, v.5, n.3, Piauí, Set, 2020. p. 184, 185

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo, v. 35, n.3, Mai./Jun. 1995, p. 26

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo**. Campinas-São Paulo 2014

MUYLAERT, Camila Junqueira, et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. São Paulo 2014

PEREIRA, Geise Ferreira et al. **A influência da estrutura patriarcal na construção da emancipação feminina na sociedade contemporânea**. Salvador, 2019 p. 06

RODRIGUES, Carolina Leite. **Educação no meio rural : Um estudo sobre salas multisseriadas**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte 2009

RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam. **Companheiras de Luta ou “Coordenadoras de painéis”? As relações de gênero nos assentamentos rurais**. Brasília. UNESCO, 2000. p 88

SANTOS, Zineide Pereira dos; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Entrevista narrativa: possibilidades de aplicação na Ciência da Informação. **REBECIN**, São Paulo, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019 p. 49

SILVA, Denice Batista da. **Do assentamento à universidade?: a mulher camponesa no ensino superior** Dissertação de mestrado. Sergipe, ago. 2009, p. 51, 52, 60, 62, 63 73, 96

SILVA. Barbara Antunes da. Lugar **Lugar de mulher: patriarcado, capitalismo, violência, contra a mulher e educação**. . Artigo. Espírito Santo 2018

SOUZA, Patrícia Gonçalves de. **A organização do trabalho pedagógico no contexto das escolas/classes multisseriadas do campo do município de Irece**. Dissertação de mestrado. Salvador 2017

SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: Histórico e validação do paradigma indiciário. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 26, n. 1, jan./Jun. 2008, p. 348

VALADÃO, Franciele Aparecida. **As mulheres na educação do campo transformando o território do pontal do Paranapanema: estudo sobre a participação das militantes do MST no Pronera**. Artigo. Espírito Santo 2014. P. 04